



## **O cinema nacional é preconceituoso? Reflexões sobre (o poder da) mídia, representações sociais e homossexualidade.**

André Felipe Vieira Colares<sup>1</sup>, Larissa Oliveira Silva<sup>2</sup>, Agnes Francielle de Freitas<sup>3</sup>

### **Resumo**

Em tempos de globalização os meios de comunicação constituem um dos principais atuantes na mediação da sociedade. A mídia atua na construção de estereótipos, conceitos e discursos que por vezes são unilaterais. Questiona-se aqui, de que forma a mídia, através do cinema nacional, vem tratando a questão da homossexualidade e suas representações? Tal reflexão faz-se pertinente devido ao poder de influência dos canais midiáticos. Em virtude da proposta de trabalho aqui apresentada, esta pesquisa apresenta-se de caráter qualitativo descritivo. Optou-se pelo método de análise de filmes proposto por Penafria (2009), uma vez que se busca aqui uma análise aprofundada dos enredos desenvolvidos em três filmes nacionais: Do começo ao fim; Flores raras; e Hoje eu quero voltar sozinho. Observou-se que, apesar do cinema nacional apresentar avanços ao representar a homossexualidade com naturalização, tal representação reforça, ainda, estereotipagens de classe. De forma que gays empoderados econômico, político e socialmente não são estigmatizados.

**Palavras-Chave:** Representações Sociais. Homossexualidade. Cinema Nacional. Mídia.

## **Is the nacional cinema prejudiced? Reflections about (the power of) media, social representations and homosexuality.**

### **Summary**

In times of globalization, the media is one of the key players in mediating society. The media engaged in building stereotypes, concepts and discourses that are sometimes one-sided. Wonders here how the media, through the national cinema, has dealt with the issue of

<sup>1</sup> Professor Substituto de Administração na Universidade Federal de Ouro Preto; Mestrando em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais - Linha de Pesquisa Estudos Organizacionais e Sociedade -, desenvolve pesquisas, principalmente, com foco na Cidade e seus significados; Representações Sociais; Representações Urbanas; Ocupação do Espaço Público; Identidades e Processos de Territorialização.  
E-mail: colaresafv@gmail.com

<sup>2</sup> Graduanda em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais – Campus Instituto de Ciências Agrárias.  
E-mail: lara\_oliveira33@hotmail.com

<sup>3</sup> Graduanda em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais – Campus Instituto de Ciências Agrárias.  
E-mail: agnesfreitas@yahoo.com.br

homosexuality and its representations? Such reflection is made relevant because of the power of influence of media channels. Because the proposed work presented here, this research presents descriptive qualitative. We opted for the film analysis method proposed by Penafria (2009), as we seek to in-depth analysis of the scripts developed in three domestic films: “Do começo ao fim” (From the beginning to the end); “Flores raras” (Rare Flowers); and “Hoje eu quero voltar sozinho” (Today I want to go back alone). It was observed that, despite the national cinema display advances to represent homosexuality with naturalization, such representation reinforces also class stereotypes. So that gays empowered economic, political and socially are not stigmatized.

**Keywords:** Social Representations . Homosexuality. National Cinema. Media.

### **¿Hay prejuicio en el cine nacional? Reflexiones sobre (el poder de) los medios de comunicación, representaciones sociales y la homosexualidad**

#### **Resumen**

En tiempos de globalización los medios de comunicación son uno de los jugadores clave en la mediación de la sociedad. Los medios de comunicación se dedican a la construcción de estereotipos, conceptos y discursos que a veces son de un solo lado. Wonders aquí, ¿cómo los medios de comunicación a través del cine nacional ha tratado el tema de la homosexualidad y sus representaciones? Esta reflexión se hace relevante debido al poder de influencia de los canales de medios. Debido a que el trabajo propuesto presenta aquí, esta investigación presenta cualitativa descriptiva. Optamos por el método de análisis de la película propuesta por Penafria (2009), mientras buscamos un análisis en profundidad de los escenarios desarrollados en tres películas nacionales: Do começo ao fim; Flores raras; y Hoje eu quero voltar sozinho. Se observó que, a pesar de la pantalla de cine nacional avanza a representar a la homosexualidad con la naturalización, tal representación refuerza también los estereotipos de clase. Así que los gays empoderadas económica, política y social no son estigmatizados.

**Palabras clave:** Representaciones Sociales. Homosexualidad. Cine Nacional. Medios.

#### **Considerações Iniciais**

Em tempos de globalização os meios de comunicação constituem um dos principais atuantes na mediação da sociedade. A mídia atua na construção de estereótipos, conceitos e discursos que por vezes são unilaterais. Exercendo influência na construção do pensamento que operam no exercício do poder sobre o outro construindo verdades que circulam na sociedade. “Os meios de comunicação de massa são a grande fonte de difusão e legitimação dos rótulos, colaborando decisivamente, deste modo, para a disseminação de pânico morais” (FREIRE FILHO, 2004, p. 49).

Dessa forma, Fischer (2001) aponta que a mídia é responsável não só pela veiculação de discursos, mas também por sua construção e produção de significados, identidades e

sujeitos. Logo, os meios de comunicação de massa acabam por vincular ideias generalistas a produtos e/ou comportamentos, a consequência disso é a disseminação de valores sociais e culturais, que muitas vezes são adotados pelos indivíduos e contribuem para a criação de estereótipos e ideologias. (OLIVEIRA; MOREIRA, 2013).

Uma vez criada, compartilhada e aceita, a impressão generalizada em relação a um grupo social cria padrões a serem seguidos, portanto, aquele com características opostas ao que foi determinado é considerado diferente dos demais. Toma-se como exemplo, a delimitação de gêneros desde a infância, onde é considerado natural que meninos vistam azul e brinquem com carrinho, enquanto meninas usam rosa e brincam com bonecas.

Portanto, é preciso fazer uma reflexão sobre a mídia e sua influência, de forma a investigar os impactos das mensagens das mídias – em todos os seus âmbitos, social, cultural e psicológico – devido ao fato que “os sistemas simbólicos (desenvolvido pela mídia) podem trazer no seu âmago as ideologias dos grupos dominantes, podendo contribuir assim para reproduzir e legitimar relações de dominação e de exclusão social” (CAMPANARIO; NOHARA, 2008, p. 2).

Logo, é preciso questionar, “de que forma a mídia, através do cinema nacional, vem tratando a questão da homossexualidade e suas representações?”. Tal reflexão faz-se pertinente devido ao poder de influência que o canal midiático apresenta. Como apresentado por Acevedo et al. (2006), em seu estudo sobre representações sociais de afrodescendentes, “a mídia não só reproduz e dissemina a realidade das relações [...], mas também contribui para formar as representações dos sujeitos pertencentes a esse grupo”; e as representações que se tem deste grupo social.

Este trabalho, em específico, busca trabalhar as representações sociais dos homossexuais no cinema brasileiro a partir de três filmes: *Do Começo ao Fim*, *Flores Raras* e *Hoje eu quero voltar sozinho*. Tal estudo faz-se relevante devido às novas abordagens dadas à realidade homossexual apresentada nos filmes. E, portanto, leva-nos a questionar se ainda é mantido o preconceito e certos estereótipos sobre o homossexual na sociedade brasileira.

Em busca de alcançar seus objetivos este trabalho se apresenta organizado em cinco seções além desta breve introdução: i) Sobre Mídia e Discursos Constituintes da Realidade – apresentando as questões relativas a mídia, seu poder e influência; ii) Representações Sociais e Estereótipos Homossexuais – trazendo a discussão de Moscovici e a construção da realidade; iii) Percurso Metodológico – apontando os caminhos percorridos; iv) Análise e Discussão dos Filmes – com os resultados encontrados; e v) Considerações Finais.

## **Sobre Mídia e discursos constituintes da realidade**

Os meios de comunicação são um dos principais agentes de mediação da sociedade. Por meio de textos e imagens, a cultura midiática informa e fornece elementos de homogeneização de discursos e identidades. A mídia constrói mitos e estereótipos, apresenta modas, regras, realidades e hábitos. Atua na busca por audiência e lucro.

Fonseca (2004) enfatiza que a mídia promove a intermediação entre as esferas pública e privada. Os órgãos da mídia, quando privados, são empresas capitalistas de comunicação, que possuem poder de modelar a opinião, tendo como mercadoria a notícia, que é sujeita a variáveis mais complexas e sutis do que as existentes nos produtos comuns.

Os meios de comunicação participam do processo de naturalização, pertença e exclusão, e influênciam os indivíduos sobre o seu reconhecimento e entendimento do mundo independente da localização. Na produção midiática as articulações sofrem influências externas e internas de quem as produz e os discursos apresentados tomam forma a partir de grupos, instituições, lugares e agentes estrategicamente posicionados no acesso a recursos para produção e difusão das informações.

Segundo Santana (2007), Foucault apresenta a formação do discurso como um conjunto de enunciados que têm seus princípios de regularidade derivados de uma mesma formação discursiva, são construídos em contextos históricos específicos, e pode ser compreendido como um jogo estratégico e polêmico de ação e reação, de pergunta e resposta, de dominação e esquiva, enfim, um palco de lutas de naturezas diversas. O discurso é o resultado de um encontro entre os sujeitos e os saberes; e a verdade, a unicidade, o sentido e seu reconhecimento se produzem nele e através dele. O enunciado é concebido como a unidade elementar, básica, que forma um discurso.

Lopes e Fabrício (2005) já apontam que o discurso da mídia, no que diz respeito a sua ordem, é estruturado por um conjunto de diferentes práticas e discursos específicos que estabelecem normas de produção e de interação, atribuindo aos indivíduos identidades e posicionamentos discursivos específicos. O que atua na construção de uma ótica ideológica para o texto são os recursos diretos, através de imagens, e os recursos indiretos através da escolha de determinadas escolhas da estrutura sintática, semântica, a forma de argumentação entre outras variáveis. Barona e Cox (2013) identificam que há uma prática corriqueira da mídia contemporânea a de destacar enunciados e fazê-los circular em novas arenas.

Segundo Cruz (2011), no Brasil grande parte dos veículos de comunicação massiva são órgãos a serviço de uma ideologia: a neoliberal. São empresas que, produzem diariamente

informações padronizadas com elementos sensacionalistas, impregnadas de preconceitos, desvios, omissões e unilateralidades discursivas.

Kalberg (2010) apresenta em sua obra a clássica definição de poder de Weber “poder é a probabilidade de impor a própria vontade (individual ou coletiva) numa relação social mesmo contra a resistência de outros seja qual for o fundamento dessa probabilidade”. Segundo Fonseca (2004) o poder da mídia implica, em um instável equilíbrio entre formar opinião; receber as influências de seus consumidores; auferir lucro e atuar como aparelho privado de hegemonia. Sua utilização pode causar danos a pessoas, instituições, grupos sociais e sociedades, na medida em que, no limite, as notícias possuem o poder de fabricar e distorcer imagens e versões a respeito de acontecimentos e fenômenos, simultaneamente à sua função de informar.

Na relação entre a mídia e o público, segundo Biroli (2011), há dois fatores complexos que devem ser analisados: o conteúdo disponibilizado pela mídia ganha sentido a partir do que já está estabelecido no indivíduo, e que o discurso midiático ainda que tenha um alto grau de homogeneidade não é ordenado de modo coerente. A mídia pode não ser capaz de definir como os indivíduos pensam, determinando suas opiniões e preferências. Mas definem, em grande medida, os temas sobre os quais eles pensam. Os estereótipos colaboram, assim, para que o noticiário passe pelo processo complexo da formação das identidades sem problematizá-lo, ao dispor essas identidades como dados objetivos, a partir de valores morais naturalizados e, portanto, apenas um ponto de partida.

Campanario e Nohara (2008, p. 2) apontam a existência de teorias que explicam a influência da mídia junto aos telespectadores, tornando tal questão pertinente de se estudar. Para tanto, as autoras apontam três vertentes:

- 1 - Teoria do “aprendizado social” - as pessoas aprendem sobre valores e comportamentos por meio da observação das atitudes e comportamentos de outros indivíduos. Assim, a transmissão de determinadas representações e ideias influencia o aprendizado sobre as mesmas (BANDURA, 1971);
- 2 - Teoria da “cultivação”- afirma que a exposição contínua a um determinado discurso pode criar e cultivar atitudes consistentes com o mesmo (GERBNER, 1973);
- 3 - Teoria da “expectativa” - advoga que os grupos discriminados tendem a se comportar de acordo com as expectativas estabelecidas pelos estereótipos apresentados a eles (JUSSIM, 1990).

Quanto à influência da mídia Biroli e Miguel (2013) enfatiza a vitória do brasileiro

Collor nas eleições presidenciais, que fez uma ofensiva midiática tão logo assumiu o governo de Alagoas. A revista *Veja* deu capas ao Collor, marcas inéditas para um governador nordestino em começo de mandato, e contribuiu também durante a pré-campanha e a campanha para a presidência. Além disso, Collor colonizou o horário gratuito de propaganda partidária no rádio e na TV de três pequenas legendas, para se fazer conhecido do eleitorado. Collor, provavelmente, não teria sido eleito sem o apoio das grandes máquinas partidárias locais e dos grandes financiadores de campanha, mas foi a visibilidade inicialmente obtida na mídia que o tornou atraente para estes. Mais tarde, a mesma *Veja* capitaneou a onda de denúncias que culminariam em seu *impeachment*, em 1992. A trajetória de Collor parece comprovar que a imprensa constrói, mas também tem o poder de desconstruir um presidente (BIROLI, MIGUEL; 2013).

Segundo Cruz (2011) a cultura do efêmero é vivenciada na realidade midiática brasileira. Ocorre a veiculação de informações com carência de conteúdo, superficiais e proporcionam a proteção de determinadas forças da sociedade. A cultura da mídia estimula a dominação social, no entanto, essa mesma cultura pode incentivar a resistência e a luta contra as classes hegemônicas, quando utiliza uma linguagem menos comprometida com o poder, mais isenta. A mídia, portanto consiste em um conjunto de contradições podendo ser, ora conservadora, ora progressista. Os veículos de comunicação de massa reproduzem os embates entre os setores hegemônicos e contra hegemônicos. Levando em conta essa realidade, percebemos que a mídia tradicional brasileira consiste em uma espécie de palco por onde desfilam algumas das mais diversas forças da sociedade.

### **Representações sociais e estereótipos homossexuais**

Ao se pensar sobre a construção da realidade, acabamos nos esbarrando nas noções que os sujeitos têm acerca do que se constitui o real para estes. A representação social, nesse ponto, tem grande importância ao se apresentar como componente constituinte do real. Segundo Silva e Ichikawa (2009), as representações sociais surgem da interação social, tendo como produto a representação de determinados fatos, conceitos ou objetos, tanto a partir de uma concepção individual quanto das concepções coletivas.

Moscovici (1978) traz a representação social como modeladora do mundo exterior aos sujeitos, constituída a partir da relação entre os sujeitos e os grupos sociais e as relações sociais empreendidas nos diversos espaços. A representação social torna-se então reprodutora

de “imagens” de mundo. Reprodução esta que interfere diretamente na reelaboração das estruturas e elementos sociais, “uma verdadeira reconstrução do dado no contexto dos valores, das noções e das regras [...]” (MOSCOVICI, 1978, p. 26).

Dessa forma, podem-se entender as representações sociais enquanto produção de um simbolismo e, alternativamente, enquanto reprodução de determinados objetos valorizados socialmente, ou seja, há uma seleção de objetos sociais conhecidos e valorizados por aquele grupo dos quais representações sociais são elaboradas. É preciso frisar que uma representação social é uma representação de algo por alguém e que encontra nas relações sociais e nos grupos uma forma de ecoar. Refere-se aos processos mentais de percepção de objetos e situações materiais e sociais (LAHLOU, 2011).

Do ponto de vista antropológico, a representação social é um meio utilizado pela sociedade para a construção do conhecimento, que consiste em conceituar, classificar e estabelecer padrões aceitáveis acerca de indivíduos, atitudes, grupos, dentre outras temáticas. Sene (2012, p. 131) cita a definição de conhecimento para Perrenoud (1999) são “representações da realidade que construímos e armazenamos ao sabor de nossa experiência e de nossa formação” e para Johnson (1999) “conhecimento é aquilo que consideramos como real e verdadeiro”. Portanto, ratifica a ideia de que a representação social também é uma forma de se construir conhecimento. Neste sentido, a explanação de Romero-Salazar (1995, p. 537), também deve ser considerada:

Siendo que las representaciones son figuraciones mentales aprendidas por vía de la socialización – introduce valores y reglas de conducta –, cada sociedad selecciona los atributos que constituirán el concepto de normalidad, y, por oposición, define la noción de desvío. Así, cualquier elemento que no coincida con las definiciones culturalmente postuladas, se convierte en un peligro.

O estudo das representações sociais, conforme Jesuíno (2011) aponta, toma como base três dimensões: i) informação; ii) campo de representação; e iii) atitude. Essas dimensões vêm contemplar o processo de construção da percepção de realidade pelos sujeitos. A primeira dimensão perpassa pela captação de informações em nível social, por meio de vivências e socialização. A segunda dimensão vem fazer referência a como esta introjeção das informações é percebida, codificada e representada. E a terceira dimensão refere-se à como os sujeitos passam a se portar perante as representações construídas.

Esses pilares vão nortear o conceito de representação apontando que para além da ideia de absorver conceitos e conhecimentos para elaboração de representações, estas se

traduzem em ações, ou seja, a representação social da realidade interfere nas ações dos sujeitos.

As representações sobre o que é pertencer ao gênero masculino e feminino, são inculcadas no contexto social desde a infância, onde há um condicionamento e uma segregação nítida entre os gêneros. As bonecas, por exemplo, representam a feminilidade, a beleza, elegância enquanto os bonecos apresentam a força, coragem, virilidade. Para Cechin e Silva (2012), estratégias de marketing dividem artigos de meninos e meninas, essa segmentação ajuda na fixação de identidade de gênero.

Connell (2005) citado por Cechin e Silva (2012) argumenta que o conceito predominante na cultura ocidental, associa o gênero masculino, aos esportes, competitividade, e racionalidade. Dessa forma (CECHIN; SILVA, 2012, p. 613):

As demais representações da masculinidade, como sensível, artística, homossexual ou bissexual, são chamadas de masculinidades subalternas por estarem em patamares inferiores de poder em relação às formas hegemônicas de masculinidade, sendo alvos de exclusão, violência e ridicularização.

Logo, é a partir do compartilhamento de determinadas representações sobre identidade de gênero e sexualidade que determinados comportamentos são condicionados – como contra os homossexuais. Como afirma Badinter (1993) citado por Guimarães (2009), para assegurar que sua masculinidade será reconhecida, o homem procura negar ou exclui todo comportamento que remeta a ideia de “ser feminino”, pois possuir elementos característicos do sexo oposto pode ser entendido como indícios de homossexualidade.

Guimarães (2009) afirma que as identidades homossexuais são construídas por uma sociedade heterossexual. Assim, diversas representações atuais, seja por meio de expressões depreciativas, piadas, criação de personagens, retratam o homossexual masculino como pessoas cômicas, afeminadas, escandalosas. Uma pesquisa realizada por Bila (2013) identificou que a imagem transmitida pelos homossexuais entrevistados se difere das retratadas pelo senso comum, pois são definidos como gays modernos: “... de padrões elevados e sofisticados de renda, estilo, apresentação corporal, preferências estéticas e consumo, adeptos do estilo musical eletrônico, e sintonizados com modas e modas globalizados associados à homossexualidade”. Deste modo, nota-se uma tendência à quebra dos estereótipos gays.

Santos e Bernardes (2008) dizem que há forte preconceito e estigmatização contra homossexuais, que podem ser nitidamente percebidos, pelos olhares de desaprovação, gestos, palavras ou pelo fato de os evitarem. Percebe-se que ser homossexual ainda é avaliado pela



maioria negativamente. Envolve estranhamento, julgamentos, comparações e o resgate cultural dos valores que consideram corretos.

A construção de modelos estereotipados dos homossexuais é reforçada, considerando o estrato social ao qual o indivíduo pertence. Anjos (2000) exemplifica essa afirmação da seguinte maneira: identificar-se como bicha pode se ser associados ao pertencimento às classes mais populares, assim como possuir características femininas e ocupar profissões pouco masculinas, como cabeleireiros, cozinheiros etc. Já nas classes médias altas, embora também haja a referência ao feminino, há um zelo maior pela discricção, percebe-se maior aceitação e as atividades profissionais estão relacionadas à intelectualidade e criatividade.

Diante do que foi exposto, é necessário reconhecer a diversidade dos indivíduos que compõe a sociedade, evitando assim a exclusão daqueles que não se adaptam aos estereótipos definidos. Guimarães (2009). Woodward (2000) ainda complementa tal pensamento:

Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. Por exemplo, a narrativa das telenovelas e a semiótica da publicidade ajudam a construir certas identidades de gênero. Em momentos particulares, as promoções de marketing podem construir novas identidades como, por exemplo, o “novo homem” das décadas de 1980 e de 1990, identidades das quais podemos nos apropriar e que podemos reconstruir para nosso uso (WOODWARD, 2000, p. 17-18).

Freire Filho (2004, p. 46) aponta ainda a construção de estereótipos, uma vez que “debates públicos e análises acadêmicas acerca da veiculação maciça de representações desfavoráveis e danosas das minorias costumam gravitar em torno de um conceito-chave: estereótipo, derivado do grego *stereós* (“sólido”) + *týpos* (“molde”, “marca”, “sinal”).”

### **Percurso metodológico**

Em virtude da proposta de trabalho aqui apresentada, esta pesquisa apresenta-se de caráter qualitativo descritivo. Tal posicionamento se dá devido à busca por uma análise aprofundada dos enredos desenvolvidos em três filmes nacionais: *Do começo ao fim* (2009); *Flores raras* (2013); e *Hoje eu quero voltar sozinho* (2014).

Como apontado por Leite et al. (2012, p. 222) “a utilização desse filme [...] depende da teoria que o pesquisador esteja estudando, considerando-se que, em geral, tal filme é fruto da experiência de observação da vida cotidiana por seus idealizadores”. Portanto, a opção por estes três filmes faz-se por serem produções nacionais recentes que trazem a temática da homossexualidade como discussão emergente ou como pano de fundo.

A partir da leitura destes três filmes, opta-se aqui por uma análise individualizada de cada um deles e uma genérica, em seguida. Vanoye e Goliot-Lété (2008, p. 12) discutem que “analisar um filme não é mais vê-lo, é revê-lo e, mais ainda, examiná-lo tecnicamente. [...] desmontar um filme é, de fato, estender seu registro perceptivo e, com isso, se o filme for realmente rico, usufruí-lo melhor”.

Enquanto que, para Penafria (2009), o processo de analisar um filme tem como base sua decomposição; ainda que não exista uma metodologia aceita universalmente como “correta”. Esse processo de decomposição, como apresentado pela autora, pode ser dividido em duas etapas: decompor – descrever o filme, sua estrutura, seu enredo, imagens; e estabelecer e compreender as relações entre os elementos decompostos. Trata-se, portanto, de um processo de separação dos diversos elementos para melhor entendimento das partes separadas.

Em outro momento da análise, é preciso reconstruir tais elementos decompostos de forma que possibilite enxergar o processo de construção do filme a partir das relações estabelecidas entre cada um desses elementos (PENAFRIA, 2009). Entre as tipologias de análise estabelecida pela autora (textual, de conteúdo, poética e de imagem e som), opta-se neste estudo pela adoção da análise de conteúdo. Segundo a autora:

Este tipo de análise considera o filme como um relato e tem apenas em conta o tema do filme. A aplicação deste tipo de análise implica, em primeiro lugar, identificar-se o tema do filme (o melhor modo para identificar o tema de um filme é completar a frase: Este filme é sobre...). Em seguida, faz-se um resumo da história e a decomposição do filme tendo em conta o que o filme diz a respeito do tema (PENAFRIA, 2009, p. 7).

A opção pela categoria de análise de conteúdo dentre os tipos de análise de filmes faz-se devido esta categoria ter “um significado bastante explícito e pressupõe a comparação dos dados, obtidos mediante discursos e símbolos, com os pressupostos teóricos de diferentes concepções de mundo, de indivíduo e de sociedade” (FRANCO, 2007, p. 31).

Observa-se que para um melhor desenvolvimento da análise, optou-se neste trabalho pela apresentação inicial das temáticas abordadas nos três filmes e seus respectivos enredos/resumos das histórias. Em seguida, busca-se desenvolver uma análise de questões pontuais apresentadas nos filmes que apontam o desenvolvimento dos temas e os encaminhamentos desenvolvidos ao longo dos filmes.

A escolha por determinados trechos dos filmes, falas e caracterização de personagens busca reforçar algumas questões centrais visíveis (ou invisíveis) durante os filmes. A proposta, em virtude da ausência de uma metodologia universal para análise, é ressaltar

pontos tidos como pertinentes pelos autores frente à teoria apresentada.

### **Análise dos filmes**

Os três filmes apresentam contextos familiares diferenciados: o Leonardo vive com seus pais e apresenta certa dependência destes (advindas da deficiência visual e da pouca idade); Francisco e Tomaz apresentam independência dos seus pais ao morarem sozinhos e; Lota encontra-se em um contexto que não faz referência com seus familiares mais próximos; mãe, pai, tios – ela apresenta total independência social e financeira.

Dentro de um recorte temporal, observam-se nos três filmes duas fases distintas retratadas: a infância e a fase adulta. Na infância, os personagens do sexo masculino não brincam de boneca, não gostam de rosa, não vestem os sapatos da mãe (como o Leonardo, Francisco e Tomaz). Fazem “coisas de meninos”, brincam com carrinho, fazem esportes e se machucam fazendo arte.

Na fase adulta, os personagens do sexo masculino não são “afeminados”, não usam palavras no feminino, são cultos, ocupam boa posição profissional, são instruídos, tem alto poder aquisitivo e são “discretos”. As personagens do sexo feminino apresentam comportamentos femininos, não havendo a masculinização delas.

Essa caracterização inicial dos personagens, em específico os de sexo masculino, traz uma questão: a heteronormatividade na representação dos personagens homossexuais. Além de, é claro, uma questão de “cor/raça” e financeira, nenhum dos personagens é negro e/ou pobre. Tal construção da representação social do gay “aceitável” traz ao âmbito social a ideia de apenas o gay branco, “hétero”, cis, burguês o ser; repercutindo na própria forma como os gays se auto representam e comportam-se. Como apresentado por Miskolci (2013), em seu trabalho etnográfico em *chats*, os gays interiorizam tais representações na busca de atenderem o meio social e cobram de seus parceiros/companheiros tal comportamento/características – auxiliando na construção de estigmas dentro do próprio grupo.

Além do mais, o cinema nacional, através destes três filmes, apresenta um silenciamento muito grande sobre a questão dos gays negros, afeminados, travestidos, entre outros. Tal silenciamento além de distanciar tais grupos do “aceite social” apresentado ao grupo de gays brancos, “hétero”, cis, burguês, nestes filmes, ainda possibilita direcionamentos a estes indivíduos do papel/rótulo de “bicha” e do “viado”; o gay é másculo (MISKOLCI, 2013); ser bicha e viadinho diz muito mais sobre cor e condição financeira.

Logo, uma das questões mais pertinentes nos três filmes é a relação existente entre

poder econômico-político-social e preconceito. Nos dois primeiros filmes (Do começo ao fim e Flores raras) os indivíduos homossexuais são de famílias abastardas, possuem projeção social e tem uma articulação política, não lhes “pesando” ser homossexual. No terceiro filme (Hoje eu quero voltar sozinho), o seu contexto social lhe permite ser alvo de preconceito de colegas.

As três histórias, por apresentarem o desenvolvimento de relacionamentos entre os personagens principais, focam não necessariamente nos relacionamentos enquanto da qualidade homoafetiva, mas o enfoque principal é nas histórias de amor. Não se busca questionar a qualidade deste amor, mas sim ressaltar e apresentar a sentimentalidade construída em torno destes relacionamentos.

### **Filme 1 - Do começo ao fim (2009)**

Com uma abordagem romântica sobre a realidade, Do Começo ao Fim (2009) conta a história amorosa entre os irmãos Francisco e Thomás, desde a infância até a fase adulta. Filhos da médica Julieta, uma mãe dedicada e amorosa, que teve o Francisco em seu primeiro casamento e o Thomáz em sua segunda união. Durante a infância, os irmãos são muito próximos e após a morte da mãe a relação se torna ainda mais íntima, romântica e sexual.

Neste primeiro filme, observa-se que com o desenvolver da relação entre os dois irmãos não aparecem questionamentos sobre o sentimento que sentem um pelo outro. Há, em determinado momento, uma aproximação da mãe que questiona ao filho mais velho se ele não tem nada para lhe contar, uma dúvida, um sentimento diferente que não esteja entendendo, mas prevalece sempre o silêncio e a compreensão.

Ainda que o filme não mostre a convivência na escola e nem com os amigos, o contexto em que se desenvolve o filme passa a ideia de aceitação social, tanto por aqueles que convivem com as crianças quanto aqueles que convivem com seus pais. Trata-se de uma abordagem bastante romântica, quase não apresentando conflitos ou brigas.

Outra questão silenciada no filme diz-se sobre a relação homossexual que também é incestuosa, ou seja, a história toda perpassa sem haver em nenhum momento o toque do “dedo religioso” que condene a relação nos dois sentidos, tanto homossexual quanto incestuosa. Apesar disto, uma fala de Thomás ecoa apontando a forma que ele enxergava como os outros os viam: “- Rosa, você não vai deixar que prendam a gente em uma gaiola né?”

A lógica acionada para a expressão ou a afirmação dessa masculinidade é a do beber muito, mas sem perder o domínio sobre si mesmo; a do comer bastante, mas sem passar mal;

a de fazer muito sexo, mas sem deixar que isso intervenha ou atrapalhe sua vida profissional e familiar (MISKOLCI, 2013, p. 318).

### **Filme 2 - Flores raras**

O filme conta a história de amor entre Elizabeth Bishop, poeta norte-americana vencedora do prêmio Pulitzer em 1956 e Lota Macedo Soares, arquiteta brasileira que idealizou e supervisionou a construção do Parque do Flamengo no Rio de Janeiro. O filme traz o relacionamento entre estas duas mulheres, que são muito diferentes, apresentando o contraste cultural e suas trajetórias de vida. Uma história verídica ambientada em Petrópolis, nos anos 50 e 60 tendo como pano de fundo o golpe militar um período importante da história brasileira.

Neste filme, observa-se a manutenção da figura feminina, independentemente da sexualidade das mulheres protagonistas. Lota e Elizabeth aparecem como mulheres femininas, delicadas, voltadas pra arte e bom gosto – bem diferenciado da mulher masculinizada, estereótipo da mulher homossexual. Ambas são tratadas com naturalidade e respeito, não havendo indícios de preconceito, o que apresenta curioso, pois na época em que se passa a trama a ideia é de que as pessoas eram mais conservadoras.

Ao mostrar o processo de “adoção” de uma criança pelas duas, observa-se a forma com que tal ato é apresentado no filme: as personagens estão fazendo um favor em pegar uma criança de uma família pobre para criar. Uma apresentação bem diferenciada de como é retratada a adoção por casais homossexuais em nossa sociedade. Apresenta ainda uma conjuntura familiar diferente: uma criança criada por três mulheres, sendo uma apresentada como mãe, outra tia e outra avó, fugindo à estrutura familiar tradicional brasileira e apontando até mesmo uma forma de superação da centralidade paterna e materna na estrutura familiar.

### **Filme 3 - Hoje eu quero voltar sozinho (2014)**

O filme narra a história de Leonardo, um adolescente cego, superprotegido pelos pais, que anseia por independência. Com a chegada de um aluno novo no colégio (Gabriel), passa a vivenciar novas experiências e aos poucos a amizade vai despertando em Leonardo sentimentos até então inexistentes. Ele passa a descobrir mais sobre si mesmo, sobre o amor e sua sexualidade.

A centralidade do filme está focada no Leonardo ser uma pessoa diferente, mas não

por ser homossexual, mas sim por sua deficiência visual. Os problemas que ganham foco no filme trazem a tona os dramas vividos por jovens em sua adolescência. Entre os questionamentos do protagonista, o Leonardo chega a pedir para mãe para tentar fazer como se tudo fosse normal. Outro momento de diálogo entre o protagonista e sua melhor amiga, chega à questão do “ser diferente”:

Leo: “Imagina que legal você poder ir pra um lugar onde ninguém te conhece. Você pode inventar uma personalidade nova se você quiser.”;  
 Giovana: “Ué, você não gosta da sua personalidade?”;  
 Leo: “Gosto. Mas o problema não sou eu”.

Entre os três filmes, este foi o mais “coerente” com a realidade brasileira, ao mostrar que as pessoas ainda agem com estranheza e surpresa ao descobrir sobre a sexualidade do outrem, sendo esta divergente da maioria das pessoas – como Giovana reage quando Leo conta que está apaixonado pelo Gabriel; Giovana: “nunca tinha pensado em você assim”.

Observa-se que, nestes três filmes, apenas no último ocorre o fenômeno chamado “saída do armário”, sendo um processo de demonstração social do ser homossexual – ocorrendo ao final do filme quando ao sair da escola o Leonardo dá a mão ao Gabriel. Tal fenômeno é pouco explorado nos filmes, pois, como apontado por Miskolci (2013), o manter-se no armário caracteriza uma separação entre o espaço público – do fazer-se heterossexual – do espaço privado – do ser homossexual. Logo, ainda que os filmes tragam uma naturalização das relações homossexuais, ele também traz um silenciar sobre o mostrar-se homossexual; trabalhando assim na manutenção do separar o espaço privado do público – relegando ao privado as relações entre pessoas do mesmo sexo.

Tal constatação vem em conformidade com o discurso ecoado pela mídia “pode ser gay, desde que continue homem”. Diante deste contexto, percebia-se que frequentemente o homossexual era retratado como figura afeminada, popular, engraçada, entretanto Beleli (2009) citado por Rodrigues (2011) argumenta que as representações sociais de homossexuais tendem a ser modificadas. A retratação de homossexuais como figuras cômicas, por exemplo, tem sido substituída por personagens com maior naturalidade, uma forma de tornar a imagem aceitável aos espectadores.

No entanto, se levada em consideração a teoria da “expectativa”, apresentada por Jussim (1990), a manutenção desse estereótipo de homossexuais homens masculinizados tanto pode ser por conta da naturalização dos homossexuais em nossa sociedade como também a criação de uma expectativa sobre o homossexual de que ele deve se comportar de forma masculinizada, estabelecendo aos indivíduos homossexuais uma expectativa

comportamental. Pois, como também apontado por Freire Filho (2004, p. 47), “como práticas significantes, os estereótipos não se limitam, portanto, a identificar categorias gerais de pessoas – contêm julgamento e pressupostos tácitos ou explícitos a respeito de seu comportamento, sua visão de mundo ou sua história”.

A busca pela superação de estereótipos da homossexualidade que atinjam diretamente a identidade deste grupo visa um esclarecimento social sobre tal grupo e a superação dos preconceitos, por vezes, criados e alimentados pela própria mídia. Tal superação faz-se necessária pois, como apontado por Gerbner (1973), é através da teoria da “cultivação” que os indivíduos após expostos ao mesmo discurso continuamente tendem a desenvolver atitudes consistentes com o mesmo, podendo assim, projetar o preconceito em seus atos.

Por outro lado, segundo a teoria do “aprendizado social” (BANDURA, 1971), a reverberação do discurso preconceituoso e dos estereótipos em nosso meio social faz com que as pessoas transmitam determinadas representações e ideias, influenciando o aprendizado sobre as mesmas.

### **Considerações finais**

O presente trabalho teve como objetivo questionar “de que forma a mídia, através do cinema nacional, vem tratando a questão da homossexualidade e suas representações?”. Entre os resultados mais contundentes observa-se que, ainda que haja superação da discussão da homossexualidade no cinema, os preconceitos entre o negro/branco mantem-se presentes; reforçando no cinema os preconceitos apresentados no âmbito social.

Uma vez que a mídia deve exercer a sua função de informar a sociedade de forma democrática e ética, tal ação deve tentar aproximar à imparcialidade; ainda que impossível. Como descreve Cruz (2011) dar voz e vez as minorias não significa panfletagem pró-excluídos, nem o abandono do caráter sério e criterioso de uma investigação científica, mas lançar mão de uma bilateralidade discursiva dispensando espaços iguais a todos. Daí a necessidade de ampliar discussões já empreendidas, à exemplo da causa gay.

Por traz de cada informação transmitida, segundo Santana (2007), há um jogo de interesses que ultrapassa o dever de informar, propiciando ao processo comunicativo à manipulação de ideias em função de interesses privados. E, portanto, observou-se que, apesar do cinema nacional apresentar avanços ao representar a homossexualidade com naturalização, tal representação reforça, ainda, estereotipagens de classe (e internas do próprio grupo). De forma que gays empoderados econômico, político e socialmente não são estigmatizados, mas

reforça-se e possibilita a manutenção do estigma à gays desempoderados.

Corroborar, portanto, como apontado por Freire Filho (2004) que há “abordagens já estabelecidas ou emergentes do complexo processo de produção, circulação, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias”. De tal forma que tais grupos em posição de minoria, como os homossexuais, encontram-se marginalizados e contestados pelas representações desenvolvidas pelos canais midiáticos. Exceto, se pertencerem a um contexto socioeconômico que lhes empodere ou se seguem a regra do “ser homem”.

E a manutenção de tais discursos só torna o preconceito mais aceito em nossa sociedade, pois, “a nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condiciona a reagir depreciativamente em relação àqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade. Por isto, discriminamos o comportamento desviante” (LARAIA, 2001, p. 67).

Como descreve Martins-Silva (2012) A persistência da homossexualidade no campo da discriminação tem múltiplas causas. Uma dessas causas diz respeito à forma pela qual a homossexualidade tem sido concebida na história da humanidade, qual seja, como uma "anormalidade" (FOUCAULT, 1988). Embora na contemporaneidade, a homossexualidade tenha maior aceitação coletiva, o homossexual ainda é considerado por muitos, portador de um comportamento desviante, visto que não se “encaixa” nos padrões definidos, sendo a mídia um dos grandes atores para manutenção ou superação destas representações.

Diante da importância dos meios de comunicação, do seu poder de influência e do amplo acesso de seus usuários, tal estudo fez-se importante por constatar que ainda que se busque uma superação ao estranhamento aos indivíduos homossexuais em nossa sociedade, há ainda um condicionamento para que este estranhamento seja superado: façam se parecer indivíduos “normais” ou, desenvolvam um capital (intelectual, econômico, cultural) para barganharem tal posição de normalidade.



## Referências

- ACEVEDO, C. R.; NOHARA, J. J.; PEREIRA, R. S.; TAMASHIRO, H. **Representações Sociais dos Afro-descendentes na mídia de massa**. In: Anais. XXX EnANPAD – Salvador, 2006.
- ALEXANDRE, M. **O papel da mídia na difusão das representações sociais**. *Comum - Rio de Janeiro* - v.6 - n° 17 - p. 111 a 125 - jul./dez. 2001.
- ANJOS, G. **Identidade sexual e identidade de gênero: subversões e permanências**. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 4, p. 274-305, dez. 2000.
- AZEVEDO, F. A. **Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político**. *Opinião Pública*, Campinas, v. 12, n. 1, p. 88-113, maio 2006.
- BADINTER, E. **XY – Sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BANDURA, A. **Psychological Modeling: conflicting theories**. Chicago: Aldine Atherton, 1971.
- BARONAS, R. L.; COX, M. I. P. **Por uma vida melhor na mídia: discurso, aforização e polêmica**. *Ling. (dis)curso*, Tubarão , v. 13, n. 1, p. 65-93, abr. 2013.
- BELLINI, M.; REIS, S. L. A. **Representações sociais: teoria, procedimentos metodológicos e educação ambiental**. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, Maringá, v. 33, n. 2, p.149-159, 2011.
- BILA, F. P. **O arco íris no Rio de Janeiro: Análise do paradoxo da cidadania gay sob as águas de Ipanema**. 2013. In: Anais. XI Congresso español de Sociología: Crisis y cambios propuestas de la Sociología.
- BIROLI, F. **Mídia, tipificação e exercícios de poder: a reprodução dos estereótipos no discurso jornalístico**. *Rev. Bras. Ciênc. Polít.*, Brasília , n. 6, p. 71-98, dez. 2011 .
- BIROLI, F.; MIGUEL, L. F. **Meios de comunicação, voto e conflito político no Brasil**. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo , v. 28, n. 81, p. 77-95, fev. 2013.
- BRAZ, C. A. **Macho versus Macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo**. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 28, p. 175-206, June 2007.
- CAMPANARIO, C. R. A. A.; NOHARA, J. J. **Como se caracterizam os discursos e representações das relações raciais entre brancos e afro-descendentes na mídia**. In: Anais. XXXII EnANPAD – Rio de Janeiro, 2008.
- CASTRO, P. **Pensar a natureza e o ambiente: alguns contributos a partir da Teoria das Representações Sociais**. *Estud. psicol. (Natal)*, Natal, v. 8, n. 2, p. 263-271, ago. 2003.
- CECHIN, M. B. Cruz; SILVA, T. **Assim falava Barbie: uma boneca para todos e para ninguém**. *Fractal, Rev. Psicol.*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p. 623-638, Dec. 2012.

CONNEL, R. W. **Masculinities**. California II, 2005.

CRUZ, F. S. **Mídia e direitos humanos**: tensionamentos e problematizações em tempos de globalização neoliberal. Rev. Katálysis, Florianópolis , v. 14, n. 2, p. 182-190, Dez. 2011.

FISCHER, R. M. B. **Mídia e educação da mulher**: uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na TV. Rev. Estud. Fem., Florianópolis , v. 9, n. 2, p. 586-599, 2001 .

FONSECA, F. C. P. **Mídia e democracia**: falsas confluências. Rev. Sociol. Polit., Curitiba , n. 22, p. 13-24, jun. 2004 .

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**,1: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo**. 2. ed. Brasília: Líber Livro Editora, 2007.

FREIRE FILHO, J. **Mídia, Estereótipo e Representação das Minorias**. ECO-PÓS, v. 7, n. 2, agosto-dezembro 2004, pp. 45-71.

GERBNER, G., et al. **Communications Technology and Social Policy**: Understanding the New "Cultural Revolution. New York: Interscience Publication, 1973.

GUARNIERO, F. B.; BELLINGHINI, R. H.; GATTAZ, W. F. **O estigma da esquizofrenia na mídia**: um levantamento de notícias publicadas em veículos brasileiros de grande circulação. Rev. Psiquiatria Clínica, São Paulo , v. 39, n. 3, p. 80-84, 2012 .

GUIMARAES, A. F. P. **O desafio histórico de "tornar-se um homem homossexual"**: um exercício de construção de identidades. **Temas Psicológicos**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 2, 2009.

JESUÍNO, J. C. Um conceito reencontrado. IN: ALMEIDA, A. M. O.; SANTOS, M. F. S. S.; TRINDADE, Z. A. (Org.). **Teoria das Representações Sociais**: 50 anos. Brasília: Tecnopolitik, 2011.

JOHNSON, A. G. **Dicionário de Sociologia**: guia prático da linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997

JUSSIM, L. **Social Reality and Social Problems**: the role of Expectancies. Journal of Social Issues, 46, Summer, 1990, p. 9-34.

KALBERG, S. **Max Weber**: Uma introdução. Rio de Janeiro: Zahon, 2010.

LAHLOU, S. Difusão das representações e inteligência coletiva distribuída. IN: ALMEIDA, A. M. O.; SANTOS, M. F. S. S.; TRINDADE, Z. A. (Org.). **Teoria das Representações Sociais**: 50 anos. Brasília: Tecnopolitik, 2011.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar., 2001

LEITE, N. P.; LEITE, F. P.; NISHIMURA, A. T.; CHEREZ, R. L. **Educação tutorial**: revitalizando ensino-aprendizagem e pesquisa em administração. Revista de Administração FACES Journal, v. 9, n. 4, set./dez. 2010.

LOPES, L. P. M.; FABRICIO, B. F. **Discurso como arma de guerra: um posicionamento ocidentalista na construção da alteridade.** DELTA, São Paulo, v. 21, n. spe, p. 239-283, 2005.

MARTINS-SILVA, P. O.; SOUZA, E. M.; SILVA JUNIOR, A.; NASCIMENTO, D. B.; BALBI NETO, R. R. Q. **Adolescentes e homossexualidade: representações sociais e identidade social.** Caderno de Pesquisa, São Paulo, v. 42, n. 146, p. 474-493, Aug. 2012

MELO, M. C. O. L.; CAPPELLE, M. C. A.; MAGESTE, G. S.; BRITO, M. J. M. **Representações femininas na mídia de negócios brasileira.** Organ. Soc. [online]. 2004, vol.11, n.31, pp. 103-118. ISSN 1984-9230.

MISKOLCI, R. **Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line.** Estudos Feministas, Florianópolis, v. 21, n. 1: 424, janeiro-abril/2013.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise.** Trad. por Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. 291p.

NUCCI, M. F.; RUSSO, J. A. **O terceiro sexo revisitado: a homossexualidade.** Archives of Sexual Behavior Physis, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 127-147, 2009.

OLIVEIRA, R.T. A.; MOREIRA, I. A. **Cinema como fonte de pesquisa histórica: Construção da imagem.** In: Anais. VXII Simpósio Nacional de História. Conhecimento histórico e diálogo social. Natal. julho 2013.

PENAFRIA, M. **Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s).** In: Anais. VI Congresso da SOPCOM - Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, Lisboa, 2009.

PERRENOUD, P.. **Construir as competências desde a escola.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

RODRIGUES, B. M. **Mídia e Sexualidade: a relação lésbica na revista TPM.** Sex., Salud Soc. (Rio J.), Rio de Janeiro, n. 9, p. 91-108, Dec. 2011.

ROMERO-SALAZAR, A. et al . **El estigma en la representación social de la lepra.** Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 11, n. 4, p. 535-542, dez. 1995.

SANTANA, R. C. **Discurso e mídia: uma convergência no campo da linguagem.** Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, dezembro 2007. Acesso em: 22/03/2015. Disponível em [http://www.pgcl.uenf.br/2013/pdf/cognicao\\_6587\\_1240934089.pdf](http://www.pgcl.uenf.br/2013/pdf/cognicao_6587_1240934089.pdf). Acesso em 16 abr. 2015

SANTOS, J. P.; BERNARDES, N. M. G. **Percepção social da homossexualidade na perspectiva de gays e de lésbicas.** In ZANELLA, A. V., et al., org. Psicologia e práticas sociais [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 289-296. ISBN: 978-85-99662-87-8.

SENE, J. E. **A sociedade do conhecimento e as reformas educacionais.** Rio Grande do Norte, v.2, n.1, p 129-143, jan./jun., 2012.

SILVA, R. A.; ICHIKAWA; E. Y. **A Representação Social na Esfera Pública: Percepções**

sobre o Funcionário Público em uma Administração Municipal. *Qualit@s Revista Eletrônica*, João Pessoa, v. 9, n. 1 (2009). ISSN 1677-4280.

VANOYE, F.; GOLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Tradução de Marina Appenzeller. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2008.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, p. 7-72. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.